

IRMHILD WÜST,  
SEMPRE PRESENTE!

# UMA CONTRIBUIÇÃO À ETNOARQUEOLOGIA BRASILEIRA E SUL-AMERICANA

◀ VOLTA AO SUMÁRIO

Jorge Eremites de Oliveira<sup>1</sup>  
Gislaine Valério de Lima Tedesco<sup>2</sup>  
Héllen Batista Carvalho<sup>3</sup>  
Ludimília Justino de Mello Vaz<sup>4</sup>  
Sibeli Aparecida Viana<sup>5</sup>

No primeiro semestre de 1999, Walter Alves Neves fez um convite a várias/os colegas, muitas/os das/os quais à época chamadas/os pelas gerações mais antigas de “jovens arqueólogos”, a colaborarem com a elaboração de sínteses regionais e temáticas para o Dossiê “Antes de Cabral: arqueologia brasileira”, publicado no começo de 2000 na Revista USP<sup>6</sup>. Na ocasião, a Profa.

<sup>1</sup> Doutor em História/Arqueologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), docente da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) e bolsista de produtividade do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

<sup>2</sup> Doutora em História pela Universidade Federal de Goiás (UFG) e docente da Universidade Estadual de Goiás (UEG).

<sup>3</sup> Mestra em História pela Universidade Federal de Goiás UFG e arqueóloga do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

<sup>4</sup> Mestra em Cultura Visual pela Universidade Federal de Goiás (UFG) e docente da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás).

<sup>5</sup> Doutora em História/Arqueologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) e docente da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás).

<sup>6</sup> NEVES, W. A. (org.). Dossiê antes de Cabral: arqueologia brasileira. *Revista USP*, São Paulo, v. 2, n. 44, p. 142-189, 2000.

Dra. Irmhild Wüst mediou a aproximação de dois de nós, Jorge Eremites de Oliveira e Sibeli Aparecida Viana, para que, por meio de uma profícua e simétrica parceria, escrevessem o texto referente à arqueologia dos antigos povos indígenas na região Centro-Oeste do Brasil. Disso resultou a publicação do artigo *O Centro-Oeste antes de Cabral* e a aproximação de duas pessoas que, somadas a outras três na coautoria deste texto, Gislaine Valério de Lima Tedesco, Héllen Batista Carvalho e Ludimília Justino de Mello Vaz, têm em comum grande admiração, estima e gratidão pelo legado de Irmí, como carinhosamente a chamamos, à arqueologia brasileira e sul-americana<sup>7</sup>.

Irmhild Wüst nasceu no dia 27 de outubro de 1945 na cidade Erlangen, Alemanha, logo depois do término da Segunda Guerra Mundial [1939-1945], e migrou para o Brasil em fins dos anos 1960, quando o País vivia sob um regime de exceção [1964-1985], vindo a falecer na cidade de Goiânia, capital que escolheu para viver, no dia 17 de junho de 2014. Essa parte de sua biografia e algo a mais constam no verbete escrito por duas de suas amigas, ex-alunas e ex-orientandas, que com ela conviveram de 1992 a 2014:

Irmhild Wüst nasceu em 27 de outubro de 1945 na cidade de Erlangen, Alemanha, e faleceu em 17 de junho de 2014, em Goiânia, cidade que escolheu como sua casa e onde viveu toda a sua vida adulta. Veio para o Brasil ainda muito jovem, no final da década de 1960, com as irmãs Franciscanas da Terceira Ordem Seráfica, que possuía sede na Alemanha e que haviam fundado o Colégio Coração Imaculado de Maria, em Itaberaí, Goiás. De natureza inquieta abandonou a ordem seráfica e mudou-se para Goiânia em 1970, quando começou o curso de Serviço Social na Universidade Católica de Goiás [atual PUC Goiás], formando-se em 1973. Ainda no início da graduação, com dinheiro obtido com traduções, resolveu fazer sua primeira incursão por esta grande incógnita que era o Brasil. Nesta viagem experimentou seu primeiro contato com os índios brasileiros, os Apinayé, no norte do Tocantins. Esse contato provocou profundas reflexões e repercutiu em toda a sua vida acadêmica. Segundo ela “[...] nunca me senti tão pouco à vontade na minha vida como naquela aldeia de Mariazinha, todos seminus e eu com uma roupa ridícula de uma calça laranja e de uma camisa estampada. Tratava-se de uma simples visita de um turista, mas que deixou marcas

---

<sup>7</sup> EREMITES DE OLIVEIRA, J.; VIANA, S. A. O Centro-Oeste antes de Cabral. *Revista USP*, São Paulo, n. 44, p. 142-189, dez./fev. 1999-2000. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/30098>. Acesso em: 14 set. 2019.

profundas no inconsciente. Neste ano a comunidade havia deixado de plantar as roças para fazer enfeites a serem vendidos aos turistas, mas a reclamação de fome era muita”<sup>8</sup>.

Prosseguem as autoras:

No ano seguinte, fez especialização em Antropologia das Sociedades Complexas, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, onde se envolveu definitivamente com a Arqueologia, através do Programa de Pesquisas coordenado por Pedro Ignacio Schmitz<sup>9</sup>. Em 1974, antes de a Etnoarqueologia ser uma prática no Brasil, Irmhild realizou de forma intuitiva seu primeiro trabalho, entre os índios Karajás de Aruanã-GO. Ainda estudante, buscou, através do convívio na aldeia, perceber se havia relação entre os sítios arqueológicos do Alto-Araguaia e os ancestrais dos índios Karajás. A experiência vivenciada e os ensinamentos de Lydia Karajá mostraram-lhe que essa ciência poderia subsidiar uma melhor compreensão sobre as sociedades do passado, indo muito além dos estudos de tecnologia cerâmica arqueológica. Com esta experiência e uma imensa frustração com a natureza descritiva da arqueologia brasileira da época e as próprias limitações interpretativas que estava desenvolvendo em sua dissertação de mestrado, em andamento na Universidade de São Paulo, estava decidida à dedicar-se à Etnoarqueologia, com a qual acreditava ser possível estabelecer uma ponte entre o passado e o futuro das nações indígenas brasileiras, especialmente na região do Brasil Central<sup>10</sup>.

No *Curriculum Vitae* de Irmhild Wüst, disponível na Plataforma Lattes do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), atualizado pela última vez no dia 15 de outubro de 2004, quase dez anos antes de

---

<sup>8</sup> CARVALHO, H. B.; TEDESCO, G. V. de L. Irmhild Wüst (1945-2014). In: VALDEZ, D. (org.). *Dicionário de educadoras e educadores em Goiás: séculos XVIII-XXI*. Goiânia: Imprensa Universitária, 2017. p. 280-284. Disponível em: [https://www.cegraf.ufg.br/up/688/o/ebook\\_dicionario\\_educadores.pdf](https://www.cegraf.ufg.br/up/688/o/ebook_dicionario_educadores.pdf). Acesso em: 2 ago. 2019.

<sup>9</sup> Ver, por exemplo: EREMITES DE OLIVEIRA, J. Pedro Ignacio Schmitz. In: SMITH, C. (org.). *Encyclopedia of Global Archaeology*. New York: Springer, 2004. p. 6.505-6.509. Disponível em: <https://bit.ly/2kJMvsA>. Acesso em: 14 set. 2019.

<sup>10</sup> CARVALHO, H. B.; TEDESCO, G. V. de L. Irmhild Wüst (1945-2014). In: VALDEZ, D. (org.). *Dicionário de educadoras e educadores em Goiás: séculos XVIII-XXI*. Goiânia: Imprensa Universitária, 2017, p. 280-284. Disponível em: [https://www.cegraf.ufg.br/up/688/o/ebook\\_dicionario\\_educadores.pdf](https://www.cegraf.ufg.br/up/688/o/ebook_dicionario_educadores.pdf). Acesso em: 14 set. 2019.

sua morte, consta um pequeno resumo protocolar de sua formação profissional:

Possui graduação em Serviço Social pela Universidade Católica de Goiás (1973), especialização em Antropologia de Sociedades Complexas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1976), mestrado em Ciência Social (Antropologia Social) pela Universidade de São Paulo (1983) e doutorado em Ciência Social (Antropologia Social) pela Universidade de São Paulo (1991). Atualmente é Professor associado (*sic*) da Universidade Estadual de Goiás. Tem experiência na área de Arqueologia, com ênfase em Teoria e Método em Arqueologia<sup>11</sup>.

Na referida plataforma consta ainda registrada parte de sua produção intelectual, por exemplo, 45 artigos em periódicos nacionais e estrangeiros e algumas orientações de monografias de graduação e pós-graduação. Sua contribuição à arqueologia brasileira e sul-americana, porém, é muito maior do que à época poderia ter sido registrado nas páginas de um *Curriculum Vitae* preenchidas para fins protocolares e não para uma biografia sobre sua história de vida acadêmica.

Durante sua carreira profissional, Irmi atuou como docente e pesquisadora na Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás), assim denominada atualmente, onde desenvolveu diversos estudos junto no Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia (IGPA), desde os anos 1970 até 1987. Na mesma condição também atuou na Universidade Federal de Goiás (UFG), de 1987 a 1998, com passagem memorável pelo Museu Antropológico. Nas duas instituições participou de vários projetos de pesquisa no Brasil, sobretudo na região Centro-Oeste, e influenciou positivamente a toda uma geração de “jovens arqueólogos”. Por último, de 2000 a 2007, igualmente participou como docente e pesquisadora visitante na Universidade Estadual de Goiás (UEG), onde teve considerável protagonismo na criação e fortalecimento do Núcleo de Arqueologia da Instituição. Era presença marcante nos eventos promovidos pela Sociedade de Arqueologia Brasileira (SAB), tendo participado de algumas gestões da Associação, e costumava ser generosa e atenciosa com colegas iniciantes no campo da ciência arqueológica.

Irmhild foi a primeira etnoarqueóloga de que se tem conhecimento na história da arqueologia brasileira e seu falecimento entristeceu a todas/os

---

<sup>11</sup> Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/2717851740410317>. Acesso em: 2 ago. 2019.



nós. Tínhamos, e ainda temos, nela um exemplo e uma inspiração sobre certo devir na arqueologia praticada no País: disciplina de estudos, rigor científico, capacidade de criatividade, atualização em relação à arqueologia mundial, escrita objetiva e irretocável, compromisso com a formação de novas/os profissionais, defesa do patrimônio cultural, senso de justiça, inquietação constante etc. Ela foi, sem dúvida, uma das mestras da transição em direção a uma outra arqueologia nacional, mais plural, diversificada, engajada e atenta a tendências verificadas na arqueologia praticada em outros países. A arqueologia brasileira, aliás, desde as suas origens tem a marca de grandes arqueólogas, como Annette Laming-Emperaire [1917-1977] e Betty J. Meggers [1921-2012], dentre tantas outras.

No segundo semestre de 2017, quase 20 anos depois daquela parceria bem-sucedida, dois de nós estiveram juntos na chapa *SAB em/no Movimento*, eleita para a gestão 2018/2019 da SAB. Dentre as propostas defendidas durante a campanha eleitoral, uma delas diz respeito à revitalização da *Coleção Clássicos da Arqueologia*, publicada em 2007 e em 2011, agora rebatizada com o nome *Clássicos da Arqueologia Brasileira*.

Para (re)inaugurar a Coleção, a diretoria da SAB acordou publicar, sob forma de *e-book*, para acesso livre e gratuito, a dissertação de mestrado em antropologia social de Irmhild Wüst, defendida em 1983 na Universidade de São Paulo (USP), sob orientação do Prof. Dr. Ulpiano Toledo Bezerra de Menezes, denominada *Padrões de assentamento de horticultores pré-coloniais em uma área do Mato Grosso de Goiás*<sup>12</sup>. À época, alguns outros trabalhos considerados relevantes à etnoarqueologia tinham vindo a público, merecendo destaque, apenas para exemplificar pontualmente e sem desmerecer outras autorias, os estudos do alemão Max Schmidt [1874-1950]<sup>13</sup> sobre os Guató e do brasileiro naturalizado Tom Oliver Miller Junior [1931-2013]<sup>14</sup> a respeito dos

---

<sup>12</sup> O acervo da Profa. Dra. Irmhild Wüst, constituído de biblioteca e produção intelectual, foi doado por ela mesma, alguns meses antes de seu falecimento, à PUC Goiás, cuja organização está sob a responsabilidade do IGPA.

<sup>13</sup> EREMITES DE OLIVEIRA, J. Os primeiros passos em direção a uma arqueologia pantaneira: de Max Schmidt e Branka Susnik a outras interpretações sobre os povos indígenas nas terras baixas do Pantanal. *Revista de Arqueologia*, São Paulo, v. 20, p. 83-115, 2007. Disponível em: <https://revista.sabnet.com.br/revista/index.php/SAB/article/view/230/215>. Acesso em: 16 set. 2019.

<sup>14</sup> MILLER JUNIOR, T. O. *Teoria antropológica e arqueológica: convergências e divergências*. Apresentação de Francisca Miller. Prefácio de Gabriela Martin Ávila. Natal: EDUFRN, 2019.

Kaingang e Xetá. Em continuidade a suas pesquisas, Irmhild Wüst defendeu, em 1991 e no mesmo Programa de Pós-Graduação da USP, sua brilhante tese de doutorado, intitulada *Continuidade e Mudança – para uma interpretação dos grupos ceramistas pré-coloniais na Bacia do Rio Vermelho, Mato Grosso*, sob orientação da Profa. Dra. Renate Brigitte Viertler. Trata-se de um estudo que imediatamente se tornou referência obrigatória à etnoarqueologia Bororo e à arqueologia dos povos indígenas no Brasil Central.

Seguindo essa linha de raciocínio, importa aqui fazer uma pequena digressão para explicar que a etnoarqueologia é um subcampo ou especialidade da arqueologia. Dedica-se ao estudo dos povos e comunidades tradicionais contemporâneos e não ocidentais, especialmente coletivos indígenas ou originários para o caso das Américas. Isso é feito com ênfase na materialidade com a qual as comunidades se relacionam no tempo presente e/ou, também, segundo informações que constam registradas em fontes escritas, imagéticas e outras. De acordo com explicação recorrente em narrativas da arqueologia anglo-saxônica, o termo etnoarqueologia deriva da expressão em língua inglesa *ethno-archaeologist* (*etno-arqueólogo*), apresentada inicialmente em 1900 por Jesse Walter Fewkes, nos Estados Unidos. O citado autor assim o fez com o propósito de estimular profissionais de arqueologia à prática etnográfica junto a comunidades ameríndias, haja vista a relevância de interpretar o estático passado arqueológico a partir do que se conhece, por meio de analogias diretas e indiretas ou do método comparativo, a respeito do dinâmico presente histórico e etnográfico<sup>15</sup>. Trabalhar com etnoarqueologia, portanto, requer

---

<sup>15</sup> Ver, por exemplo:

DAVID, N.; KRAMER, C. *Ethnoarchaeology in Action*. Cambridge, Cambridge University Press, 2001.

GONZÁLEZ RUIBAL, A. *La experiencia del Otro*. Una introducción a la Etnoarqueología. Madrid: Akal, 2003.

GOULD, R. A. (ed.). *Explorations in Ethnoarchaeology*. Albuquerque: University of New Mexico Press, 1978.

KRAMER, C. *Ethnoarchaeology: Implications of Ethnography for Archaeology*. New York: Columbia University, 1979.

POLITIS, G. G. Acerca de la arqueología en América del Sur. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 8, n. 18, p. 61-91, 2002.

SILVA, F. A. Etnoarqueologia: uma perspectiva arqueológica para o estudo da cultura material. *MÉTIS: História & Cultura*, Caxias do Sul, v. 8, n. 16, p. 121-139, 2009.

TRIGGER, B. G. *História do Pensamento Arqueológico*. Tradução: Ordep T. Serra. São Paulo: Odysseus, 2004.

habilidade na aplicação do método etnográfico, também conhecido como observação participante ou observação direta, recorrido concomitantemente como processo e produto à abordagem arqueológica. Atualmente, isso é realizado com vistas ao estabelecimento de uma relação simétrica entre pesquisadoras/es e interlocutoras/es da pesquisa. Consiste, vale frisar, amiúde, em observar etnograficamente a vida social e a cultura de grupos humanos, com ênfase na cultura material, isto é, na materialidade das relações sociais no tempo e espaço, valendo-se ainda de registros textuais e outras fontes disponíveis.

No âmbito mundial, a etnoarqueologia teve considerável impulso e foi institucionalizada a partir das décadas de 1960 e 1970; popularizada como etnografia arqueológica ou arqueologia etnográfica e outras terminologias. Isso se deu no contexto do movimento intelectual denominado de Nova Arqueologia (*New Archaeology*), também conhecido como Arqueologia Processual, sob forte influência das ideias do estadunidense de Lewis R. Binford [1931-2011] e outros representantes<sup>16</sup>. À época, ficou marcada por uma abordagem materialista associada ao neoevolucionismo, à ecologia cultural e à teoria de médio alcance, com vistas a entender complexos processos socioculturais mais amplos. Em fins dos anos 1970 e ao longo dos dois decênios seguintes, no contexto do movimento plural conhecido como arqueologia pós-processual, assinalado pelas influências do inglês Ian Hodder e outros apoiadores, a etnoarqueologia passou ser criticada e atualizada em relação a tendências mundiais, assim observadas na academia e nas sociedades nacionais:

---

<sup>16</sup> Ver, por exemplo:

BINFORD, L. R. Archaeology as Anthropology. *American Antiquity*, [s.l.], v. 28, n. 2, p. 217-225, 1962.

BINFORD, L. R. Methodological considerations of the archeological use of ethnographic data. In: LEE, R. B.; DE VORE, I. (ed.). *Man the hunter*. Chicago: Aldine, 1973. p. 268-273.

BINFORD, L. R. *Nunamiut Ethnoarchaeology*. New York: Academic Press, 1978.

BINFORD, L. R. *En busca del pasado*. Descifrando el registro arqueológico. Tradução: P. Gas-sul. Barcelona: Crítica, 1988.

BINFORD, L. R. Arqueología como antropología. In: ORQUERA, L. A.; HORWITZ, V. D. (org.). *Clásicos de teoría arqueológica contemporánea*. Buenos Aires: Sociedad Argentina de Antropología, 2007a. p. 15-27.

BINFORD, L. R. Humo de sauce y colas de perros: los sistemas de asentamientos de los cazadores-recolectores y la formación de los sitios arqueológicos. In: ORQUERA, L. A.; HORWITZ, V. D. (org.). *Clásicos de Teoría Arqueológica Contemporánea*. Buenos Aires: Sociedad Argentina de Antropología, 2007b. p. 439-464.

movimento indígena, feminismo, pós-modernismo, pós-colonialismo etc.<sup>17</sup> Tornou-se, com efeito, mais dinâmica e plural em termos de temas, estudos e abordagens teórico-metodológicas, inclusive com a incorporação de aportes vindos do campo interdisciplinar da etno-história, além do necessário afastamento em relação à dependência das analogias e da ideia de aculturação ou perdas culturais.

Nesse contexto mais amplo, desde as décadas de 1980 e 1990, marcadas pelo processo de (re)democratização do Brasil e de outros países da América Latina, que a etnoarqueologia no País tem sido praticada, implícita ou explicitamente e especialmente para o caso dos povos originários, dentro da perspectiva holística de contribuir para o conhecimento de uma história indígena de longa duração em termos espaciais e temporais. Gradualmente passou a se diferenciar em relação a outras etnoarqueologias empreendidas na América do Sul, muitas vezes desconcatenadas das situações históricas vivenciadas pelos povos indígenas e mais voltadas, pois, à compreensão do passado arqueológico sob a negativa influência do paradigma da aculturação. A diferenciação maior está no fato da etnoarqueologia brasileira possuir uma tendência descolonial, ligada a uma arqueologia sobre, para e com os povos e comunidades tradicionais e, portanto, ligada a um projeto de nação plural e à defesa dos direitos humanos em seu sentido mais amplo. Contudo, nem sempre essa particularidade tem sido compreendida por colegas que anteriormente tentaram analisá-la, por vezes rotulando-a de histórico-culturalista, como se na arqueologia mundial houvesse apenas três “caixinhas” ou tradições teórico-metodológicas: arqueologia histórico-cultural, arqueologia processual e arqueologia pós-processual. Ledo engano, e avaliação demasiadamente simplista, por vezes orientada por uma suposta e inatingível neutralidade científica. Nesse mesmo contexto, certas análises que vieram a público não precederam a um exaustivo levantamento bibliográfico sobre o tema, limitando a interpretação sobre o assunto a poucos estudos, por vezes sem a devida atenção aos legados de Irmhild Wüst e Tom Oliver Miller Junior, dentre outros colegas, à etnoarqueologia brasileira.

---

<sup>17</sup> Ver, por exemplo:

HODDER, I. *Symbols in action: ethnoarchaeological studies of material culture*. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.

HODDER, I. *Interpretación en Arqueología: corrientes actuales*. Traducción: María José Aubet. Barcelona: Crítica, 1988.



Realizada essa digressão, vale dizer que no caso de Irmhild Wüst, como a própria autora declara na apresentação de sua dissertação de mestrado, a pesquisa ora publicada está ligada à proposta de rompimento com as limitações metodológicas e interpretativas da abordagem histórico-culturalista. Naquele tempo, a abordagem por ela criticada estava marcada no Brasil pelas influências do Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (PRONAPA), desenvolvido de 1965 a 1970, e seus desdobramentos. Para esse propósito, a autora fundamenta seus estudos na perspectiva processualista e realiza a análise espacial de 72 sítios arqueológicos, localizados em terras férteis do sudeste de Goiás, região denominada Mato Grosso de Goiás. A pesquisa, também problematizada a partir de modelos etnográficos de populações originárias associadas à família linguística Jê, apresentando aspectos importantes sobre a dinâmica sociocultural de antigas populações indígenas que ocuparam a região. Seu trabalho, realizado no início da década de 1980, rompeu com as análises arqueológicas limitadas à construção de tipologias dos objetos e às exaustivas descrições dos sítios arqueológicos. Mais do que isso, Irmhild apresenta uma percepção distinta acerca da complexidade social de antigas sociedades indígenas ceramistas do Centro-Oeste, tradicionalmente consideradas, à luz de certo evolucionismo marcado pelo determinismo ambiental, como “povos marginais”: bandos ou tribos dependentes de escassos recursos ambientais, disponíveis em florestas tropicais e subtropicais, com simplicidade ou frouxidão em termos de organização social e econômica.

Com essa pesquisa, Irmi marca a presença da abordagem processualista em estudos arqueológicos no Centro-Oeste. Traz uma nova perspectiva metodológica, conceitual e interpretativa para a compreensão das sociedades indígenas ceramistas e agricultoras, muitas das quais já estabelecidas na região desde há uns 3.000 anos. Seu trabalho teve repercussões positivas para além das fronteiras regionais, alcançando outras regiões do Brasil e da América do Sul. Ao fazer isso, ela inaugurou, ainda que não se valendo do termo aqui apresentado, a tendência de produzir uma etnoarqueologia voltada para uma história indígena de longa duração.

Além disso, a professora Irmhild, intensa, inquieta e combativa como era, ficou conhecida pela sua preocupação e dedicação à construção e ao fortalecimento da arqueologia no Brasil. Ao mesmo tempo em que era exigente com a qualidade da pesquisa arqueológica, o que pode ser observado em suas publicações, entrevistas e palestras, era igualmente dedicada à formação de suas/seus alunas/os. Embora não tenha atuado nos vários cursos de graduação e programas de pós-graduação em arqueologia atualmente existentes no

Brasil, foi formadora exemplar de muitas/os profissionais que passaram pelo laboratório de pesquisa sob sua responsabilidade no Museu Antropológico da UFG, dentre outras instituições, bem como pelos trabalhos de campo realizados de forma sistemática nos estados de Goiás e Mato Grosso<sup>18</sup>. Também contribuiu com a formação de muitas/os colegas que a procuraram no início de suas carreiras profissionais, destacando-se pela generosidade científica para com as novas gerações de pesquisadoras/es. Irmi assim o fazia de modo a gerar oportunidades e apontar profícuos caminhos que jamais serão esquecidos pelas pessoas que dela receberam apoio, orientação e incentivo. Exemplo disso reside no fato de Irmhild ter dedicado sua dissertação de mestrado a seu orientador e suas/seus alunas/os.

Mas, afinal de contas, o que é ser um/a cientista social nos dias de hoje, precisamente o que é ser uma/um arqueóloga/o no tempo presente? E mais ainda: como atualmente são modelados os fazeres da ciência arqueológica? Esses e outros questionamentos vão ao encontro da inspiração que Irmi nos deixou como modelo e exemplo. No seu fazer científico, ela colocou o ser humano em primeiro plano, como nos desdobramentos, na dimensão sociocultural e histórica, de afirmações identitárias, valores e memórias. Diante de seu computador, acompanhava o desenrolar da produção científica no contexto nacional e internacional, atualizando-se e mostrando-se aberta a novos desafios. Compreendia que a/o arqueóloga/o deveria ser capaz de desenvolver pesquisas sobre qualquer contexto histórico, aprofundando-se em suas particularidades.

Cumpra ainda explicar que suas pesquisas sobre arte rupestre foram bastante detalhadas, constituídas por diferentes vertentes de análise. Relativo ao assunto, podemos dizer que ela não se aventurou muito nessa especialidade, mas carregou consigo as pesquisas que desenvolveu sobre a temática, de profundas referências conceituais e analíticas. Ainda hoje, encontramos nelas caminhos inovadores para percorrer, como, aliás, ocorre com toda a sua obra. De maneira sistemática e deliberada, Irmi buscava novas perspectivas teóricas, atualizando-se constantemente, como quando elaborou o estudo de gênero abordado como um campo “recentemente explorado na arte rupestre”.

---

<sup>18</sup> A partir de meados do século XXI, a arqueologia brasileira passou a ser marcada pela expansão de cursos de graduação e programas de pós-graduação *stricto sensu*, totalizando 16 cursos de graduação (bacharelados) e 10 programas de pós-graduação (mestrados e doutorados), conforme listagem disponível em <https://arqgeo.insod.org/en>, organizado em 2019 para a Sociedade de Arqueologia Brasileira. Acesso em: 15 out. 2019.

Nesse caso, sua interpretação leva em conta a ritualização de conflitos entre as esferas masculina e feminina, com base em entrecruzamentos textuais da arqueologia e da antropologia social.

Mais do que viver apenas de ciência, ela também construiu seu próprio paraíso para nele estar. Sua mente sistemática e organizada refletia-se no ambiente doméstico, incluindo jardim florido e extremamente cuidado, viveiro de mudas, deliciosas compotas e a docilidade com que recebia as/os amigas/os em sua residência.

Enfim, entendemos que esta publicação sob forma de livro é, ao mesmo tempo, um documento, no sentido de ser produto de uma época, e uma homenagem póstuma a essa grande arqueóloga. Também é um livro dedicado às novas gerações de arqueólogas/os que atuam no Brasil e em outros países sul-americanos, as quais não surgiram ao acaso, do nada, pelo contrário; valeram-se do trabalho das gerações que as antecederam.

Por tudo isso e muito mais, bradamos: Irmhild Wüst, sempre presente!

Boa leitura!

Pelotas (RS), Inverno de 2019.